

VÉIA CHIQUINHA... Dentro e fora de mim

ANCIANA CHIQUINHA... Dentro y fuera de mi

Daniela Rosante GOMES¹

RESUMO

Este artigo (re)visita a *saída de rua Véia Chiquinha...* realizada na III Reunião Científica do GT Artes Cênicas na Rua, da ABRACE. Um trabalho artístico que a autora-artista-arteira prefere chamar de *brincadeira*, seguindo mestres e mestras da chamada cultura popular, e, mais especificamente, o trabalho da Companhia Carroça de Mamulengos, tema de pesquisa de seu doutoramento, que inspira a criação. A autora-aprendiz-educadora-pesquisadora também considera a escrita um lugar de criação, no qual continuam acontecendo as descobertas do trabalho. As reflexões são realizadas a partir da perspectiva da experiência vivenciada em campo e na própria escrita, misturando diferentes tempos e espaços, histórias e informações de forma labiríntica, através do uso de uma linguagem poética e do diálogo com imagens da *saída de rua*. Desse jogo surgem entrelaçadas as vozes e memórias da velha e da autora, falando sobre a vida, sobre a Arte e sobre temas que se tornam urgentes.

Palavras-chave: Companhia Carroça de Mamulengos. Véia Chiquinha. Saída de Rua. Brincadeira. III Reunião Científica do GT Artes Cênicas na Rua ABRACE.

RESUMEN

Este artículo (re) visita la *salida a la calle Anciana Chiquinha...* que ocurrió en la III Reunión Científica del GT de Artes Escénicas en la Rua de la ABRACE. Una obra artística que la autora-artista-artimañera prefiere llamar *brincadeira* (de *juguete* o quien *bromea*), siguiendo a maestros y maestras de la llamada cultura popular y, más específicamente, el trabajo de la Compañía Carroça de Mamulengos, tema de investigación de su doctorado, que inspira la creación. La autora-aprendiz-educadora-investigadora también considera escribir un lugar de creación, en el que los descubrimientos del trabajo continúan teniendo lugar. Las reflexiones se realizan desde la perspectiva de la experiencia vivida en el campo y en la escritura misma, mezclando diferentes tiempos y espacios, historias e informaciones de forma laberíntica, mediante el uso de un lenguaje poético y del diálogo con imágenes de la *salida a la calle*. De este juego emergen las voces y los recuerdos de la anciana y de la autora, hablando sobre la vida, sobre el Arte y sobre temas que se vuelven urgentes.

Palabras Clave: Compañía Carroça de Mamulengos. Anciana Chiquinha. Salida a la calle. Broma. III Reunión Científica del GT de Artes Escénicas en la Rua de la ABRACE.

¹ Artista-arteira de muitas Artes, aprendiz de Vida Viva, educadora-sonhadora, mamãe de três e professora efetiva da Universidade Federal do Tocantins no Curso de Licenciatura em Teatro (desde 2011). Atualmente pesquisa a Companhia Carroça de Mamulengos (desde 2016) sob a orientação da Professora Doutora Tereza Mara Franzoni, tendo ingressado no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina para cursar o doutorado em agosto de 2017. Professora licenciada com remuneração, não possui bolsa (embora tenha tentado uma bolsa prodoutoral em sua instituição de origem, negada por escassa pontuação nos parâmetros exigidos) ou outra forma de fomento à sua pesquisa (exceto a compra de passagem que seu programa prevê, uma vez ao ano, para realização de pesquisa de campo e ou participação em evento).

Este artigo (re)visita a *saída de rua Véia Chiquinha...* realizada na III Reunião Científica do GT Artes Cênicas na Rua da ABRACE². Um trabalho artístico que prefiro chamar de *brincadeira*, seguindo mestres e mestras da chamada cultura popular, e, mais especificamente, o trabalho da Companhia Carroça de Mamulengos³, tema de pesquisa de meu doutoramento, que inspira a criação. Importante dizer que considero e experimento a escrita reflexiva também como um lugar de criação, no qual continuam acontecendo as descobertas do trabalho. Assim, as reflexões aqui propostas são realizadas a partir da perspectiva da experiência vivenciada em campo (na *saída de rua*) e na própria escrita, misturando diferentes tempos e espaços, histórias e informações de forma labiríntica, através do uso de uma linguagem poética e do diálogo com as imagens produzidas na *saída*. Desse jogo emergem vozes falando sobre a vida, sobre a Arte e sobre temas que se tornam cada vez mais urgentes.

Véia Chiquinha é o nome que batiza a velha e reticente benzedeira, mezinheira, parteira, médica dos sertões e das periferias, andarilha e usuária de Uber, arteira cheia de artimanhas, caipira metida à metropolitana nascida de uma faxina e de três histórias de Amor. A primeira com a família Carroça de Mamulengos e seu (en)canto⁴, no qual se inspira a criação. A segunda com minha própria família, onde se encarna a criação. A terceira com a presença intuída e buscada daquilo que nas culturas nos conecta com as ancestralidades femininas, onde se enraíza e também se sublima a criação. Da faxina nasce porque enquanto eu atacava a limpeza do chão, cantava a referida música do Carroça, inventando outros versos para a canção que iam dando as primeiras características da velhinha que iria aparecer, meses depois.

Nas linhas e entrelinhas dessas histórias também habitam muitas crianças, sejam as pequenas, sejam as crescidas, sejam as lembradas ou as esquecidas. Crianças que a velha

² Organizado pelo GT em parceria com o grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas (NIPA) da Universidade Regional do Cariri (URCA), este sob a coordenação da Profa. Dra. Cecília Lauritzen. A reunião foi realizada de 11 a 13 de junho de 2019 na URCA e em bairros considerados periféricos nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, com a seguinte temática: *O que é periférico?*. Além da proposta artística *Véia Chiquinha...*, participo do evento com uma comunicação oral de título: COMPANHIA CARROÇA DE MAMULENGOS: *Cameloturgia*, Vida Viva e outras Poéticas de Convivência na trajetória de uma família artista.

³ A história começa pelo pai, Carlos Gomide, que herda o nome do grupo Carroça, inicialmente dirigido por Humberto Pedrancini em Brasília, no ano de 1977. Para resumir bastante essa história, que já está sendo contada em outros textos e contextos, Carlos conhece Schirley França em 1982 e ambos saem pelos chãos dos Brasis desenvolvendo toda uma trajetória de Arte e de Vida completamente intrincadas, nascendo dessa união oito filhos e, por enquanto, três netas. Trata-se de uma história de incontáveis itinerâncias, vivências e convivências com outras tantas pessoas que vão se encontrando e fazendo parte da história da família. Uma história pioneira em que a Arte abre a roda nas calçadas, passa pelos circuitos nacionais e internacionais das Artes Cênicas, sem se esquecer de descer do palco e se integrar efetivamente à vida das pessoas e comunidades envolvidas.

⁴ Mais especificamente, inspira-se na música Vovó Chiquinha, de Carlos Gomide, gravada no CD *Alumiação*, uma produção independente, da referida companhia familiar, do ano de 1996, quando os filhos eram ainda bem pequenos. Além de se apresentar com seu jardim de rosas e quintal de ervas, como parteira de menino que já é homem galante, a vovó da canção canta uma história a pedido dos netinhos, como faz Véia Chiquinha nas ruas ou praças, quando chegam as crianças curiosas, querendo ver, e mexer, e tocar, e brincar, e ouvir e falar.

encontra no mundo de calçadas e praças empoeiradas que percorre em suas andanças de ervas em punho, pronta para a próxima *benzedura*. Nos encontros com Véia Chiquinha há sempre um convite à brincadeira e ao encontro com a criança interior. Esta velha, podendo ser rabugenta e travessa, também é de uma pureza e de uma ludicidade comoventes, que um texto, por si só, não poderia expressar.

Essas características e outras que serão apresentadas chegam a partir das trocas realizadas com as pessoas que encontraram Véia Chiquinha pelos caminhos que ela percorreu no Ceará, Paraíba e Santa Catarina. Chegam por meio da percepção que tenho das situações geradas durante as saídas de trabalho, através de comentários, falas, olhos marejados de lágrimas e choros livres, reações como risadas, caras feias, etc. Mas também chegam pela percepção das pessoas que compartilharam (e continuam compartilhando) suas impressões. Após as saídas de rua, já à paisana, sem me identificar, procuro colher esses relatos. Algumas vezes fui identificada. Outras não. E já cheguei a pedir por escrito em uma certa ocasião⁵.

Véia Chiquinha... (com reticências mesmo, pelas suas plenas possibilidades) é o nome de uma *brincadeira* muito intuitiva, assim resumida: uma velha que caminha... Brincadeira que surge da necessidade de uma comunicação interna e externa (em tempos difíceis) com toda e qualquer pessoa que se encontre pelo caminho: uma comunicação amorosa, questionadora, divertida e irreverente, e ao mesmo tempo curativa. Em sua aparente ignorância e simplicidade, Velha Chiquinha abre espaço para que saltem aos olhos os aspectos machistas, misóginos e androcêntricos arraigados na cultura de um patriarcado que já ultrapassa 5000 anos de história. De forma natural e integrada às situações, sem fazer discurso! *Véia Chiquinha...* permite um encontro mais equilibrado, dentro e fora de mim, entre um feminino e um masculino arquetípicos que, complementares, poderiam e deveriam coabitar, apesar de tantos pesares!⁶

Encarnar a Véia Chiquinha e brincar *Véia Chiquinha...* é também um caso de Amor com a minha própria Arte, que só existe pelo caso de Amor que tenho com as gentes, com as ruas e seus encontros e desencontros, e com tudo aquilo que surge espontaneamente e nos permite

⁵ Na Universidade Federal da Paraíba, após uma aula performática que fiz com os estudantes de Licenciatura em Dança, pedi que escrevessem num papel mensagens para a velha, colhendo essas palavras: “Todo lugar é seu!”; “Obrigado”; “Que delícia de encontro. Gratidão”; “Veinha sabida / Coração de ouro / Ensina da Vida / Danada Arengueira / Gratidão!”; “É tanta história, Sabedoria e experiência, Veinha. Acho que é única, a única coisa boa que não se multiplica. Vlw por essa tarde véinha”; “Eu não estou sozinha... atrás de mim tem outras tantas... e outros tantos... mãe, vó, vô, bisavó, pai... e acima e através de mim também!”. E colhi nesta mesma ocasião desenhos que traziam as palavras: “Histórias”, “Vivência”, “Recordações” e “Grato”. Material guardado com os pertences da Véia Chiquinha.

⁶ Pesares que se refletem nas estatísticas assustadoras de violência contra as mulheres, sejam elas simbólicas, sejam físicas.

tomar a vida como um exercício de *Vida Viva*⁷, para tomar emprestada as palavras de uma vivência construída pela Companhia Carroça de Mamulengos ao longo de mais de 40 anos de estrada. Viver a Vida Viva é uma busca de coerência e integração entre os princípios que nos movem e as atitudes que tomamos nesse mundo dito incurável, onde grassam toda sorte de fome, de miséria e de injustiça.

Em construção, caminha *Véia Chiquinha...*, dentro e fora de mim, no encontro entre ancestralidades, sobre os chãos da atualidade, antevendo o que virá como as astutas profetisas que são essas mulheres iniciadas em abençoar, benzer, rezar. E não benze se estiver doente ou manifestando alguma indisposição, como aprendeu com Dona Ilza, que também não benzia se o dia não estivesse bom. Mas, independentemente do dia e da disponibilidade para a benzeção, *Véia Chiquinha* vem sempre aberta, alargadora de horizontes, bem humorada e ranzinza, alegre e rabugenta, fazendo pontes e trabalhando no *e* feminino - inclusivo e integrador - mais do que no *ou* masculino – excludente e hierárquico, na tentativa de compensar, carinhosamente, toda uma história de apagamentos e violências que pode ter a ver com outras tantas formas de desigualdades, preconceitos e novas violências cristalizadas nas culturas machistas e também sexistas desse mundo afora, mundo adentro de nós.

Culturas essas que (em um movimento mundial recente e absurdo) afirmam com ainda mais força seu caráter misógino, homofóbico, fascista, racista e impregnado de toda sorte de preconceitos geralmente associados à uma atitude de exploração de classes. Questões que até ontem, ou antes de ontem, ainda se tentava disfarçar em alguns meios, tendo em vista os resultados das lutas sociais travadas em várias frentes (com suor e sangue) de meados do século passado para cá. Mas que agora não disfarçam mais, após o fatídico pleito eleitoral de 2018 que colocou no poder pessoas cuja desfaçatez faz anular conquistas simbólicas e direitos juridicamente constituídos ao longo de décadas. De vidas. E de muitas mortes. E é preciso falar sobre isso. Por isso tudo, e porque não posso me calar diante das tragédias que desabam cotidianamente sobre nós e nossos nós, e porque pouco ou quase nada podemos com nossa insignificância diante do gigante sistema de irrealidades chamado realidade, surge *Véia Chiquinha...* caminhando... caminhando...

Caminha nas ruas, nas calçadas, nos becos e nos espaços abertos das praças e dos corações que com ela se propõem a interagir. Nos cantos onde as mulheres que limpam os chãos

⁷ A expressão Vida Viva foi usada para designar as oficinas de produção de alimento (cural, pamonha, pé de moleque, farinha, etc.) realizadas em praça aberta com o público presente preparando o alimento, compartilhado ao final da oficina. Sua origem está associada aos mestres e mestras que, em suas práticas e princípios, influenciaram uma visão de mundo em que a família Carroça de Mamulengos alicerça suas bases, construindo toda uma ética em seus modos de ver, viver e produzir Arte.

descansam nos intervalos do trabalho braçal, no cantinho minúsculo das mães que corajosamente abrem uma creche de tábuas de madeira (cerca de 20m) se intercalando para receber as crianças umas das outras para poderem trabalhar, nos bairros periféricos onde os invisíveis (que constroem tudo o que vemos) habitam, nos espaços invisíveis das crianças em busca de algum espaço... Nesses espaços, segue Vêia Chiquinha, outra invisível (se não abre suas malas e frascueira), fazendo seus movimentos de cura para que (se) possa seguir caminhando... quem sabe abrindo algumas brechas no caminho (só o tempo dirá), em uma espécie de utopia que nos serve enfim para isso: para que possamos caminhar... Caminhar e caminhar⁸...

E como antes de uma chegada existe sempre uma chegada⁹, transcrevo a da Vêia Chiquinha, na qual acontece a mudança: da pessoa-atriz-arteira-educadora para a entidade (pessoa/entidade na paisagem), em uma bem aventurança performática que, em lugar de teatro, performance, intervenção, interferência, fuleragem, etcétera e tal, prefiro chamar de *brincadeira*, conforme já dito, repetindo mestres e mestras que também nos ensinam a dar o nome aos bois e às boiadas. Uma brincadeira que assim começa, mas que nunca se sabe como e quando vai terminar:

CHEGANÇA

Lá vem Vêia Chiquinha celebrar esse grande dia!!!
Dia de muita alegria, para mim e para a poesia
Que mora escondida nos buraquinhos das almas das gentes
Cada uma nas suas lidas, sentindo aquilo que sente

Gente sem força, gente aguerrida, gente-gente
Gente com brilho nos olhos, gente com dor na ferida
Gente triste, com raiva e com fome, gente rangendo dente
Gente braba, de cara fechada, carente e discabrunhada

Gente à vontade na vida, gente que é ENCANTADA
Gentes de muitas gentes, colorida e misturada
Gentes de muitas mentes, paz na guia, desassossegada
Que ninguém é só uma coisa, e a gente muda sempre, conforme muda a toada

Enfim e pra resumir, gente que vive a vida
Vida Viva, vida vêia, vida sofrida

⁸ E aproveito para transcrever, como a decorei, de memória, a citação que Eduardo Galeano fez de Fernando Birri ao falar sobre a utopia em uma de suas obras: "A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia afinal? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar."

⁹ Nos folguedos populares há uma entrada que inicia os rituais e brincadeiras, conhecida como chegada.

Vida de muitas vidas,
Perfumosa e amargurada

Que a Véia Chiquinha venha, benfazeja sua chegada
Que pise esse chão sagrado, consagrando a caminhada
Que a Véia Chiquinha venha, ô benfazeja chegada
Que venha no seu passinho, sem fazer discunfiança

Que com seu jeitim matuto, seja boa companheira,
Dessa derradeira vida de onde não se leva nada
Que com seu jeitinho bem torto - eita véinha danada!
Seja boa parceira da vida, que podendo ser muito boa...
Vide vida marvada¹⁰!!!

Essa chegada, foi criada no dia mesmo da brincadeira que este texto seguirá relatando em seguida. Mas nesse dia não foi compartilhada em público, embora eu a tenha declamado um mês depois, na Paraíba, quando *Véia Chiquinha* esteve presente em outro evento promovido no ambiente universitário¹¹. No entanto, e apesar da intimidade com o ambiente universitário, Véia Chiquinha gosta mesmo de sair às ruas sem mediações e anúncio, de forma que esta chamada não se faz necessária, a não ser em um ritual particular que, uma vez sentido, em todos os sentidos, dá sentido à instauração do corpo da velha que desde o início não consigo enxergar como uma personagem. Uma velha que está mais para a entidade incorporada, em um corpo que simplesmente sai... caminhando...¹² Velha Chiquinha, em mim, é uma prece!

A BRINCADEIRA COMEÇA: UMA HISTÓRIA DENTRO DE HISTÓRIAS

Praça do CC, bairro João Cabral, cidade de Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense.
Data: 12 de junho de 2019. Primeiro dia dos namorados do primeiro ano de minha separação após o décimo sexto ano de uma união com dois filhos, um Valentim de 14, uma Maria de 7. Neste momento carrego três lutos: dois amores feridos de morte e um filho perdido há pouco

¹⁰ Citando título da canção *Vide Vida Marvada*, de Rolando Boldrin, que se tornou um clássico da música caipira brasileira, e que muito bem se aplica às vidas das mulheres reunidas na entidade: Véia Chiquinha e Dani.

¹¹ Mostra Universitária de Artes Cênicas dos Cursos de Licenciatura em Dança e Teatro da Universidade Federal da Paraíba, sob a coordenação da Professora Mestra Candice Didonet, que viu Velha Chiquinha surgir pela primeira vez em público cerca de um ano antes, também em um evento universitário. Assim, a velhinha centenária tem em junho de 2018, na Universidade Federal de São Luís do Maranhão, no Colóquio Internacional de Pedagogia do Teatro (COLIPETE), sua primeira interação com o mundo externo, muito embora, internamente, em mim, já estivesse em pleno gozo da vida, nos sopros que me chegavam das minhas mulheres próximas e de outras mulheres dessa nossa ancestralidade sobre a qual conhecemos pouco, muito pouco.

¹² Peço desculpas ao leitor pelas repetições e número extenso de páginas deste texto (propositais), porque é método e escolha repetir, repetir e repetir, pensamentos e ações entre vírgulas, nessa escrita que não se quer apenas enquadrada nos padrões de objetividade acadêmica. Escrita-desafio, para mim, e para o leitor, que fica convidado: a pular tantos parágrafos quanto queira; a ler somente o que lhe interessar; a criticar e interagir no seu tempo com o tempo do texto, se assim for de ser. Porque nesses tempos de ausência de tempo e de presença ausente, é preciso falar (e se pôr à experiência do tempo no tempo) sobre isso.

mais de um ano. Lutos marcados na pele do rosto em linhas triplas, sendo três sulcando a testa, três ao lado dos olhos que perderam boa capacidade de visão e três na fenda do sorriso.

E carrego a velha frasqueira de couro de minha tia avó já falecida, com a qual fui presenteada em minha primeira infância. Uma frasqueira que veio recheada de miniaturas das coisas que se encontra em uma casa. Jogo de sofazinhos, mesinha de centro (ou de canto?), pilãozinho de madeira. Pinguinzinho de louça para cima da geladeirinha. Um brinquedo João Bobo feito artesanalmente, com a carinha de uma mulher triste. Uma casca de algum fruto ou castanha em formato comprido, cuja tampa bem recortada encaixava e desencaixava, servindo assim como caixinha (mais que especial) para guardar coisinhas bem pequenininhas e outras miniaturas que já não consigo lembrar quais eram. Recordo que durante muito tempo foram esses os brinquedos preferidos de minha infância. Brinquedos que, como tantas outras memórias, acabaram se perdendo por tantos outros caminhos, e faz bem recordar alguns. Porque em tempos de seriedade, também é preciso falar dos brinquedos e do brincar.

Agora a velha frasqueira de couro guarda outras preciosidades, além da agradável memória da tia velha de minha infância, que eu via andar com dificuldade por um problema de paralisia que lhe afetou uma das pernas. Assim como afetou a completude de sua dignidade, por ser uma “mulher, e ainda aleijada”, como ela mesmo dizia de si, imitando as falas de um tempo que ainda existe na mentalidade de muita gente (quantas gerações depois?!). O andar da tia velha é o mesmo andar de Véia Chiquinha, com suas juntas e articulações crocantes e doloridas. O corpo é descabrunhado e torto, mas ainda ágil na missão de acompanhar, com espírito atento, tudo o que acontece a sua volta. Capaz de perceber mesmo as coisas mais sutis, Véia Chiquinha brinca com desenvoltura e muita sensibilidade, unindo questões de ordem subjetiva e interna das gentes (preferencialmente tocando nos tabus) às questões mais prementes da vida social e pública das comunidades (preferencialmente as mais polêmicas).

Sem roteiro previamente definido, o trabalho privilegia as relações que se fazem no inexato desenrolar das andanças e de suas paragens: encontros, olhares, bate papo, benzeção, o descanso das coisas que a velha carrega carrega nas mãos (seja frasqueira, mala, brinquedos ou o que for de ser), o oferecer de seus objetos de estima para quem deseje conhecê-los mais de perto. Ao abrir seus guardados, Véia Chiquinha permite que eles sejam vistos com os olhos das mãos de outras pessoas. E assim, o que seriam objetos de cena inicialmente intocáveis, alguns até por sua fragilidade ou raridade, se tornam objetos compartilhados, que todos podem tocar, mexer, descobrir como funciona, tornando-se parceiros de uma brincadeira que só acontece em estado de puro compartilhamento. Os momentos são únicos e irrepetíveis, dada a efemeridade

e a natureza da brincadeira que só se pode medir pela alegria que causa no coração de quem brinca. E que nada mais deixa de concreto.

Me lembro da fala de Márcia Pompeu Toledo em um evento acadêmico em Florianópolis¹³ ao encerrar uma comunicação sobre um trabalho comunitário de duas décadas, dizendo: “e como medir tudo isso? Controles, relatórios, resultados de pesquisa? Ações comunitárias atreladas ao processo? (Silêncio) Nós podemos até utilizar esses instrumentos. Mas há uma coisa que muito importa e que nunca vamos conseguir medir. (Ela olhava para nós que tentávamos adivinhar) Alegria!”. Alegria e encantamento não se medem. E em tempos de tristezas, é preciso falar disso também! Nessa dia, ouvindo a saudosa professora, confirmei onde morava o trabalho simples que eu realizava em minha trajetória de artista e educadora, agora na universidade: no invisível mundo das delicadezas da alma, sobre o qual é difícil falar, escrever e descrever, porque só pode dizer-se por si mesmo, chega mesmo a se esvaír quando tentamos pegá-lo com as pinças cirúrgicas do pensamento racional, lógico-dedutivo. A partir daí, intuitivamente, passei a assumir como referência os textos que falassem dessas delicadezas, assumindo cada vez mais a linguagem poética como lugar para a escrita artístico-acadêmica (também em construção).

Na frasqueira velha, os novos brinquedos, agora de Véia Chiquinha: bonecas miniaturas de palha e de tecido produzidas em Juazeiro; bonecas abayomis que produzi com minha filha e outras crianças quando ela tinha ainda 4 anos e estava conhecendo as histórias das mulheres africanas; passarinhos de louça que, se cheios de água, assoviam com a maior fidelidade os cantos de alguns passarinhos de carne e ossinhos, conforme o volume de água e a habilidade de quem assopra o brinquedo que funciona como um apito; lencinhos bordados pelas mulheres da família de minha mãe com suas iniciais de solteiras (o da irmã mais nova não foi terminado, porque os tempos já eram outros e ela não quis fazer enxoval, preferindo aproveitar o golpe de sorte e suar a camisa sendo a primeira médica de toda uma família que nas gerações anteriores nunca conhecera um diploma); ervas moídas e raízes, cascas e folhas; um radinho de pilha de aspecto antigo, e que não funciona mais, a não ser quando a velha o sintoniza e canta ela mesma uma canção antiga; um brinquedo de madeira raro e delicado que, quando movido circularmente pela mão, balança um pêndulo que faz mover pequenas galinhas aninhadas em

¹³ II Seminário Internacional de Teatro na Comunidade, realizado em agosto de 2013 em Florianópolis, na UDESC. O evento foi coordenado pela Professora Dra. Márcia Pompeu Nogueira (falecida em 2019), cujo importante trabalho trouxe ao campo de Teatro Comunitário um lugar ao sol na academia, no Brasil e em outros países. Neste seminário compartilhei sobre os trabalhos de extensão comunitária que vinha realizando com os estudantes durante os dois primeiros anos de docência na UFT, defendendo a valorização dessa modalidade (extensão universitária) deixada de lado diante da hipervalorização das atividades de pesquisa e de ensino, grande parte das vezes alheadas de sua função social junto às comunidades às quais as instituições deveriam servir.

um círculo, ciscando farelo no centro de um pequeno terreiro... Entre outras quinquilharias deste e de outros tempos, cada uma com seu encantamento. Cada qual com suas próprias histórias, que a velha também pode contar conforme lhe dê na veneta fazê-lo. O brinquedo se faz na brincadeira. E a brincadeira será na praça, conhecida simplesmente como Praça do CC.

Esta já é minha sexta visita à Juazeiro do Norte, na cidade conhecida pela herança de fé de Padim Padi Ciço (Padre Cícero Romão Batista), onde estive por obra e graça da já citada Companhia Carroça de Mamulengos. Família que, em suas andanças incalculáveis, fez do Cariri cearense sua terra, estabelecendo em Juazeiro do Norte, Bairro João Cabral, sua morada principal, ao escolher mergulhar na vivência e convivência com a realidade dura e cotidiana das pessoas simples que participam das manifestações ditas tradicionais das culturas brasileiras, resumidas no termo cultura popular, ou simplesmente cultura, para usar terminologia das pessoas com quem tenho conversado nesta localidade ao longo dos últimos três anos em virtude do referido trabalho de pesquisa¹⁴.

O Carroça (apelido adotado pela família para resumir o nome extenso da companhia) fez parte da história do bairro João Cabral, onde estamos eu e a Velha Chiquinha, juntas e misturadas. Ambas dispostas a brincar com quem quer que apareça na *saída de rua*, que irá acontecer simultaneamente à Roda de Conversa em que o pai da família Carroça irá participar com uma fala que não irei assistir. Justamente porque a ideia proposta para a organização do evento ao inscrever o trabalho, seria a de não engaiolar Véia Chiquinha em formato de demonstração/apresentação, mas, antes, de deixá-la voar livre pela aragem morna do bairro escolhido pela equipe, muito oportunamente, para a execução da interferência artística (categoria adotada pela organização do evento para inscrição dos trabalhos artísticos).

Vou ao João Cabral em um Uber, no tempo de uma deliciosa conversa com o motorista com o qual vim falando sobre *cotidianidades* da cidade, política e os desafios da vida dele: pagar o carro, sustentar e manter a presença na família (sua jornada é de 15 horas diárias, e é preciso falar sobre isto!). Oito minutos dessa prosa estão na filmagem feita por um tio que, junto à minha tia (irmã de minha mãe), me acompanham nesta viagem à Juazeiro do Norte. Viagem esta pioneira no quesito de levar a família para o trabalho de campo. E esclareço que isto, em tudo tem a ver com as questões que envolvem o trabalho de criação e manifestação

¹⁴ Da mesma forma, neste texto, outros termos são igualmente utilizados, e evito fazer discussões de terminologias, considerando o vocabulário local como fonte legítima e inquestionável para realização da escrita, certa de que o significado será compreendido pelo leitor sem risco de confusão conceitual, até porque, no muito das discussões acadêmicas, segue corrente o uso de terminologias díspares conforme o contexto e a filiação filosófica. Não é meu foco pensar sobre isto, e por esse e outros motivos, a metodologia adotada na pesquisa de doutoramento e também no trabalho artístico que desenvolvo é baseada na História Oral, preservando os aspectos da oralidade também nos textos produzidos na pesquisa.

dessa *recém nascida* velha centenária no corpo de uma mulher *recém entrada* na dita *meia idade*. Profundas transformações envolvidas! Uma velha inspirada no trabalho de uma família simultaneamente ao processo de retomada que faço das mulheres de minha própria família. Processos dentro e fora de mim, porque a pesquisa não está para a instituição. Está para a vida! – gosto de repetir sempre.

Assim, a tia e o tio, que também são madrinha e padrinho de meu batismo realizado há quarenta e um anos atrás, aos quinze dias do meu nascimento, estão na cidade pela primeira vez. Ambos cumprindo missões profissional-familiares que surgem alinhadas ao alegre desejo de conhecer a família Carroça de Mamulengos e também esse lugar do Cariri cearense do qual tanto já ouviram falar, por mim, e pelas transcrições que minha tia se dispusera a fazer das mais de 60 horas de entrevista (até aquele momento). Tio Celso vem registrar em fotografias e vídeo as andanças de Véia Chiquinha, atendendo a uma necessidade que tenho diante de minha própria dificuldade de criar registro dos trabalhos que tenho feito ao longo da vida. Tia Tere cuida de tudo e de todos: observa, agiliza, acompanha e ajuda em tudo e algo mais que seja necessário, ciente que irá ter mais sabe-se lá quantas horas de material para transcrição quando retornarmos, ela à Piracicaba, eu à Florianópolis.

Tudo em família, fortalecendo processos que, para além das dificuldades convencionais de qualquer pesquisa de doutorado, ainda se complexificaram com os delicados nós que me fragilizaram emocionalmente como eu jamais houvera visto acontecer. Emocionalmente, e, portanto, como anciãs como Velha Chiquinha bem sabem, fisicamente: o corpo adoeceu! Após uma curetagem quase agressiva para retirada do feto em fevereiro de 2018, fígado inchado e rins doloridos (até a ocasião do nascimento da velha em junho de 2018), a recente gastrite evoluiu rapidamente para uma úlcera (ora em processo de cicatrização espontânea, segundo ultrassom mais recente feito após boas caminhadas da velha em 2019). Não tomei remédios. Mas aprendi muito da medicina das plantas nesses processos de cura pessoal. Aliás, com Véia Chiquinha e outras anciãs, continuo aprendendo!

Tive também perda de parcela significativa da visão, para longe e para perto, e hoje preciso afastar os dedos de minha filha de 7 anos para enxergar onde beijar o dodói quando ela se machuca e vem estendendo a mãozinha que cresce a cada dia. Outro dia beije no lugar errado e ela reclamou! Muitas dores nas articulações, repetindo com precocidade a genética da família (também da mãe), na qual se manifestam os casos de artrose e outras doenças articulares agudas. Desequilíbrio dos níveis hormonais relacionados à tireóide (tenho hipotireoidismo crônico), afetando os níveis de colesterol e os hormônios reprodutivos, desregulando a intensidade do fluxo menstrual e outros mecanismos corpóreo-funcionais que vi esmorecerem, um a um, me

perguntando quando será que tudo isso iria terminar: “será que voltarei a ser eu mesma?”. Muito sangue envolvido. Tristezas que nunca houvera conhecido. Processos intermináveis!

Fui recebendo tudo. Aguardando pacientemente enquanto cuidava da filha menina e do filho na virada da puberdade em suas dificuldades de menino-rapaz. Recém mudada para uma cidade nova para cursar o doutorado. E a companhia do mar, enquanto me separava dolorosamente (muito dolorosamente!), me despedindo de novo e de novo e de novo, tentando compreender como reconfigurar - sem deixar para trás nem ter que matar - o Amor que carrego em mim. Vivendo com toda intensidade as minhas histórias de Amor e de luto. Histórias de muita beleza também. E de transformações que seguem como a velha, pelos caminhos da vida.

Eu, sempre tão determinada no afã de ser forte e não perder a coerência, me olhava com os novos olhos embaçados perguntando a mim mesma: “mas quem sou eu mesmo, para voltar a ser eu mesma?”. E ainda agora penso: porque não se fala sobre essas coisas nos espaços oficiais? É importante falar sobre isso! Certamente tudo isso se passa a muitos e muitas, e parafraseando o escritor-poeta Jorge Luís Borges (que dizia o mesmo na flexão masculina do gênero): o que se passa a uma mulher, se passa a muitas.

O Brasil virando ao avesso: 2018, ano eleitoral pós-golpe (sim, foi golpe em 2016!!!). É certo que eu não consigo e nem poderia ficar parada. Apesar das tantas mudanças, não é da minha natureza inquieta somente esperar pelo milagre, embora eu sempre acredite que ele pode acontecer (a depender das mil lágrimas que o precedem¹⁵). E assim, dois dias depois da maior tragédia pessoal que vivi (e que não convém aqui relatar), Vêia Chiquinha irrompe, tomando corpo pela segunda vez, em 29 de novembro de 2018, na apresentação de finalização da disciplina de Teatro Feminista oferecida na pós-graduação. Os feminismos em pauta e as diversas violências que nunca saíram da pauta da vida de qualquer mulher me assombrando com a possibilidade de me tornar mais um número em uma triste estatística. Perplexidade!

Em meio a tudo isso, e encontrando alguma força recôndita, lá vou eu em boa postura (nocauteada pelas dores da alma) levando pela mão minha filha Maria, então com 6 anos, sem fazer ideia do que aconteceria ao certo. Tataraneta da Velha Chiquinha, minha pequena Maria cantou (em um megafone que ela mesma inventara no carro a caminho da universidade) as tradicionais Canções de Palhaço imortalizadas na gravação do Carroça, em 1996, quando os filhos eram ainda crianças. Ao terminar, audiência encantada, ela ainda tocou uma música no seu violãozinho que ganhara de dia das crianças, a seu pedido, um mês antes. A canção alegrou

¹⁵ Citando Itamar Assumpção na canção *Milágrimas*, que conta com delicadeza o Amor e os pequenos milagres possíveis diante da dor.

o coração esfacelado da mãe, das pessoas presentes e da velha, que foi aparecendo aos poucos, enquanto fui vestindo calma e silenciosamente a sua saia, a sua camiseta, o seu chinelo amarelo e as suas toucas, até estar pronta para o dedo de prosa que a velha veio ter com as pessoas presentes.

Nesse ritual, não houve mais do que a força mobilizadora de minha filha que, diante do olhar encantado dos adultos, se calou ao terminar sua canção de primavera, dando lugar à mãe, enfraquecida, mas então renovada pela imensa força da Arte da filha. Já paramentada, mas ainda como Dani (nome pelo qual me apresento), intuitivamente estendi a alguém o batom aberto, estabelecendo um ritual que depois passa a acompanhar a velha em outras ocasiões: peço que alguém pinte com o batom as linhas do meu rosto, conhecidas como *marcas de expressão*! Ou, no vocabulário popular: minhas *rugas* mesmo!!! Com as pinceladas do batom, vemos surgir a velha e desaparecer a menina-mulher de 40 anos.

Depois desta ocasião, a velha tomou vida para fora dos ambientes universitários, nas *saídas de rua* feitas nas periferias da cidade de Florianópolis. Periferias essas que, curiosamente, estão nas regiões mais centrais da ilha e do continente. Espaços atingidos covardemente pela violência policial imoral e ilegal ainda com mais intensidade após o desfecho do referido pleito eleitoral, em situação repetida em outros espaços e comunidades ditas periféricas de todo o país, incluindo territórios indígenas e quilombolas, como mostravam (e continuam mostrando) as notícias que chegavam (e chegam) diariamente.

Nesse contexto errante, Véia Chiquinha vai ganhando vida. E com ela, aos pouquinhos, vão se organizando seus objetos, vão se organizando os sentimentos partilhados que permitem que ela passe a existir no seu mundo e no de outres, e vão se organizando os processos internos que me permitem retomar o doutorado para além dos processos de cursar as disciplinas. Finalmente consegui escrever alguma coisa. Pelo menos nas brechas entre o cuidar dos filhos e da casa. Me inscrevendo no GT que me nos levou ao Cariri.

Eu e Véia Chiquinha estamos felizes, honradas e um pouco ansiosas pela oportunidade de fazermos juntas uma visita nestas terras do Juazeiro, onde a família Carroça construiu boa parte de sua história. Eu e essa espécie de eu-não-eu, criando um espaço temporário, em uma espécie de ritual envolvendo uma comunidade igualmente temporária que possibilita o trabalho, criando uma nova paisagem, vivendo uma experiência compartilhada. Um trabalho que poderíamos discutir a partir de conceitualizações como ator e duplo, liminaridade, *comunitas*, transporte e transformação, ficção e fricção, entre outras presentes nos diálogos entre as teorias da Antropologia da Experiência e Antropologia da Performance, muito bem desdobrados no trabalho de Luciana Lyra em suas reflexões sobre aquelas a que chama *dramaturgias de*

f(r)icção, desenvolvendo a proposta de uma Artetnografia e de uma Metodologia em Artes, para citar apenas os principais pontos do trabalho da atriz-dramaturga-pesquisadora (LYRA, 2014, 2011, 2010).

O Uber para na praça do CC, em frente a um sobradinho azul, que se destaca pelo segundo piso e pela recente pintura entre as casinhas minúsculas térreas e desbotadas, enfileiradas em terrenos com cerca de três metros de frente por alguns outros poucos de fundo (padrão do bairro). A casa de Dona Gorete e de Seu Nena. Ela: responsável por aguar as plantas da praça do CC há mais de uma década, a maior parte do tempo sem remuneração, apesar da tarefa já ter lhe tomado diariamente muitas e muitas horas. “Eu só faço por Amor mesmo”¹⁶, me disse Dona Gorete em entrevista feita em dezembro de 2017, ao me contar a história da praça, ligada às reivindicações feitas em caminhadas da população até a prefeitura, através da articulação realizada pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus¹⁷.

Seu Nena é um Mestre da Cultura, Palhaço Mateus, brincante de várias brincadeiras desde seus 12 anos de idade, quando fugiu das terras de um patrão de sua mãe que condenava a brincadeira do Reisado, achando inaceitável homens usarem saia e pintarem a cara de *calvão* (carvão). Mestre Nena é líder do grupo de cultura Bacamarteiros da Paz, uma tradição recriada há mais de uma década também através do importante trabalho realizado pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus. Ao perguntar à Dona Gorete, na mesma entrevista acima mencionada, se ela gostaria que o trabalho da União voltasse a acontecer no João Cabral, ela me surpreendeu ao responder prontamente um “não”, balançando a cabeça para reforçar a negativa, e completando a frase: “Voltar pra quê, se a União não acabou? Ela tá aqui ó” - disse ela mostrando a parede da casa com os objetos e paramentos dos Bacamarteiros, fotos do tempo da União. Enquanto falávamos, já haviam passado em sua casa três jovens que ela apresentou como crianças que brincaram na União. E concluiu: “Ó Seu Carlos ali! Tá todo dia aqui

¹⁶ A frase entre aspas, assim como outras frases citadas da mesma forma neste artigo, fazem parte do acervo da pesquisa sobre a Companhia Carroça de Mamulengos. O acervo é composto por um banco de entrevistas gravadas em áudio com suas respectivas transcrições (em construção), por cadernos manuscritos (diários de campo) e pelas reminiscências da minha própria memória que, de tanto ouvir, é capaz de repetir as histórias e as falas, sem risco de atribuir palavras e ideias não mencionadas pelos participantes da pesquisa. Este último método se impôs após o furto dos primeiros diários de campo da pesquisa, e foi legitimado pela orientadora, tendo em vista a necessidade de relato de informações que não poderiam ser resgatadas. Posteriormente, essas falas são apresentadas aos próprios participantes, com quem compartilho e legítimo os escritos.

¹⁷ A União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus foi, em poucas palavras, um lugar (físico e simbólico) de união dos brincantes e artistas da cultura de Juazeiro. Uma associação criada por iniciativa da Companhia Carroça de Mamulengos, no Bairro João Cabral, por ocasião de seu retorno à cidade no início dos anos 2000. Uma iniciativa que reuniu e promoveu uma grande articulação da população local e dos artistas e grupos da cultura, deixando um legado material e simbólico inestimável à comunidade e à cultura local e também regional, da qual o Carroça passou a fazer parte. São recorrentes as falas que comprovam como a cultura tradicional local incorpora novos elementos ao seu repertório artístico e aos seus modos de produção, a partir dessas vivências na União – cujas atividades formais se encerraram alguns anos depois da separação dos pais da família Carroça.

tomando o café com Nena, a União continua!” - referindo-se então à Carlos Gomide, que nesse momento havia chegado e estava na porta, cumprindo o ritual diário de visita ao amigo.

Mesma porta onde agora, sem descer do Uber, Véia Chiquinha já avista alguns personagens locais já conhecidos de Dani (sua trineta) e suas andanças anteriores por ali: o sanfoneiro Germano; Francisco Gomide (terceiro filho dos oito que compõe a família Carroça); Dona Gorete, suas netas e sua filha especial, Rosiane. Bem ali, artistas locais já estão se preparando para o cortejo proposto pelo Carroça para dar início às atividades da tarde do evento. Além do cortejo, foram preparados alguns números de palhaçaria, bem ao estilo do trabalho alegre e festivo que constitui uma marca da companhia. Carlos Gomide, ao ser convidado para a Roda de Conversa do evento, não contribuiu apenas com a sua fala. Reuniu artistas e mobilizou a família, possibilitando mais uma vez que a Arte desse novo colorido ao bairro.

A velha desce do Uber, despedindo-se do motorista e verificando se a tia havia pego seus pertences: além da já citada frasqueira, uma mala antiga que deve ter bem seus 70 anos (figura 1), herdada dessa mesma tia que hoje me acompanha. Tia Tere recebeu o jogo de malas de minha avó materna, que a usou por muitos anos antes de sua morte precoce em um acidente de carro. Minha avó materna morreu exatos dois anos depois de enterrar seu filho caçula, vítima de outro acidente de carro. Eu gostaria de tê-los conhecido! Dizem dessa minha avó morta que era uma santa. E de minha outra avó, a viva, mãe de meu pai, que já foi uma perdida! Separou-se de meu avô e levou com ela os três filhos, que ele buscou e criou com a ordem judicial à tiracolo em tempos em que o divórcio não era permitido na lei brasileira (para azar e pesar das mulheres!).

A mala então carrega suas próprias histórias. Carrega outra mala menor com as roupas e objetos íntimos de Véia Chiquinha. E carrega os brinquedos tradicionais que recebi de presente ou comprei de artistas que de alguma forma aprenderam ou aprimoraram sua Arte a partir da convivência com o Carroça. Muitos desses brinquedos tomo emprestados de minha filha ou filho, que costumo presentear com essas preciosidades. Destaco entre eles o Mané-gostoso, o Traca-traca e os Palhaços-Fantoches feitos de espuma. Legados de Mestre Zezito¹⁸ à Júlio Mandioca Frita, um garoto em situação de rua que seguiu com o Carroça nos idos dos

¹⁸ Mestre Zezito consertava panelas quando o Carroça chegou pela primeira vez para estabelecer residência no Juazeiro, por volta dos anos 90, com os primeiros filhos ainda pequenos. Ouviu uma entrevista na rádio e ligou na emissora logo após o programa terminar, interessado em conhecer a singular família. Nesta época já havia deixado de trabalhar como artista de rua após um episódio narrado por Carlos Gomide como traumático na vida daquele que depois se tornou o primeiro Mestre circense da história do Carroça. Aos poucos, Mestre Zezito foi tirando do fundo do baú as mágicas, brincadeiras e gags da palhaçaria tradicional, assim como as técnicas de construção e restauração que lhe eram familiares, voltando a fazer sua Arte nas ruas. Acompanhou o Carroça indo residir na grande Brasília, iniciando uma escola circense na cidadezinha de Águas Lindas, onde terminou sua vida deixando também um forte legado para a tradição da arte circense de rua candanga.

anos 90, quando a família ganhava seu pão abrindo roda no Largo da Carioca e no Posto 9 na Praia de Ipanema, Rio de Janeiro. O brinquedo que carrego comigo foi feito pelos filhos do Palhaço Mandioca Frita: Palhaço Aipim e Palhaça Macaxeira!

Figura 1



Véia Chiquinha agradece o motorista enquanto Tia Tere “carrega a traia”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Véia Chiquinha segue para a casa azul de Mestre Nena, cumprimentando e trocando ideia com as pessoas que, reconhecendo nela certa familiaridade, sorriem quando ela fala de Dani com ar meio debochado, se referindo a ela como “aquela menina... meio doidinha... até que boa gente... bate muito bem não!... hoje não veio, mas mandou recado que depois vem visitar”. Abraça com carinho Dona Gorete (figura 2), que retribui o abraço com seu largo sorriso cansado de senhora e seus estreitos olhos brilhantes que denunciam a moça de grande formosura de outrora. Dona Gorete já coloca todo mundo para dentro de casa, explicando o novo aspecto da sala para Dani, quer dizer, para Véia Chiquinha, para quem ela olha divertida, mostrando as

fotos (figura 3), os objetos e instrumentos daquilo que agora será o museu de Mestre Nena (figura 4), prestes a ser inaugurado¹⁹.

Figura 2



(Re)Encontro com Dona Gorete e Rosiane na porta do Museu Mestre Nena
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Feitas as apresentações, a velha e os tios conversam com Dona Gorete. As crianças vão chegando curiosas e passa por ali, na mesma porta de sempre, o Palhaço Stálin²⁰ (figura 5), que a Véia cumprimenta meio *desconfiosa*, meio reconhecendo, ao se deparar com a figura excêntrica e colorida desse artista que em muito tem contribuído nos processos de disseminação da Arte Circense na comunidade do Bairro João Cabral, dando continuidade ao trabalho que fez o Carroça durante muitos anos. Como toda velha que se preze, Véia Chiquinha presta atenção e comenta com todo desprendimento a aparência física dos “mininu” que, conhecendo agora como véia, já conhecia antes como Dani: “tá mais magro meu fio, mais abatido... tá

¹⁹ Iniciativa que integra o projeto de Museus Orgânicos dos Mestres de Cultura Tradicional do Cariri, lançado pelo Sesc no Ceará, em parceria com a Fundação Casa Grande, com previsão de criação de 16 museus até o presente ano de 2019, sendo o de Mestre Nena um deles.

²⁰ Stálin se mudara para Juazeiro cerca de um ano antes, pouco depois que a família retornara pela terceira vez ao Cariri cearense. Importante destacar que o Carroça é assim: agrega as pessoas e, itinerante, faz itinerar. Vi Stálin (não se chama o palhaço por outro nome) pela primeira vez no I Festival de Circo de Taquaruçu, distrito de Palmas, no Tocantins, onde participava do trabalho de Circo Social da Companhia Os Kaco, cuja camisa a Véia Chiquinha veste, literalmente. Stálin, assim como Kadu, da Companhia Os Kaco, entre outros artistas e grupos, também viveu um tempo com a Companhia Carroça de Mamulengos, iniciando com sua ex-companheira e sua filha Flora a Companhia Tem Sim Sinhô.

trabaiando muito né... a coisa num tá fáci nesse disgoverno não!!! Ondi qui vai pará mininu??? Mas ó, ocê come, ocê bebe, ocê fica firme e segue na luta, que tudo passa nessa vida!... minha fia tá forte, bem alimentada, tá corada, fia! Ocê tá de parabéns minina, úrtima vez tava mirradinha, mirradinha”.

Figura 3



“Mau zoiaaaaaado D. Gorete, mau zoiado... Força na peruca? Eu boto é arruda, ó!!!!”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 4



“Inda vô aprendê essas letra no Museu do Mestre Nena”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 5



“Moço, moço!!! Eu tô de ôio!!!”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 6



Véia Chiquinha desacomorçada com a magreza de Francisco
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Não demora e a cadeira já está na calçada, com a Véia conversando com Dona Gorete e as netas em volta (figura 7), esperando a passagem do cortejo. Na rua passam outras velhas conhecidas.

Figura 7



“Essa foto é pra quê memo, moço? Ocê cuida heim, óia essas criança!”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Chegam Maria Gomide (primogênita da família Carroça) e Ana (sua filha de cinco anos que eu conhecera aos dois, em cena). Maria, avisada sobre o trabalho com a Véia, chega sorrindo, com seus olhos grandes devorando tudo o que está em volta. É a primeira vez que compartilho meu trabalho artístico diante da família, e confesso um certo desconforto do tipo *frio na barriga*, que, em vão, tento evitar. Para mim é tão sagrado o trabalho do Carroça, é tão especial poder estar aqui com a velha! Sob o olhar investigativo de Ana (que tenta desvendar minha identidade), nem bem nos cumprimentamos, e ouço as já citadas Canções de Palhaço na voz de Carlos Gomide, vindas da quadra, do outro lado da praça. O cortejo vem se aproximando e a velha se levanta empolgada, com seu *rói rói*²¹ (figura 8), acompanhando o cordão quando este passa arrastando as crianças e os sorrisos das pessoas, que saem nas portas das casinhas para ver a festa.

Figura 8



“Eita que eu tamém vô junto nessa buniteza!!!”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

A caminhada segue ladeira acima, segue ladeira abaixo, desviando dos entulhos e das águas cinzas do esgoto que passa à céu aberto nas canaletas da cidade sem saneamento que, sem remédio, sanada está, a exemplo de tantas outras cidades brasileiras onde a política do

²¹ Brinquedo tradicional que, ao ser girado, emite um forte ruído. É um dos brinquedos que a família produz nas oficinas de brinquedos populares que, junto às oficinas de perna de pau, alimentos (também chamada de Vida Viva), contação de histórias, bonecos, bordado e a cultura popular e seus símbolos, compõe atualmente o repertório de oficinas oferecido pela família. Estive prestes a acompanhar Shirley França em uma oficina de brinquedos populares em que ela iria compartilhar a Arte de confeccionar o Rói rói, mas infelizmente nosso carro foi furtado em Brasília e todo o material da oficina que seria ministrada no dia seguinte se perdeu. Junto com isso, perdi meu computador e HD de *backup* com tudo o que eu possuía sobre a pesquisa em formato digital até aquele momento, além de diários de campo, em sua maioria anotados a partir das conversas com Carlos Gomide no primeiro ano e meio da pesquisa, uma vez que não é de muito de seu feitio oferecer entrevistas.

coronelismo apenas mudou de nome, passando à política do *toma lá dá cá*, sem alterações substanciais na cultura colonial que nunca deixou de existir no país. A velha segue devagar seu caminho, sempre no final da procissão (figura 9), se esforçando para acompanhar com seu passo trôpego a folia que segue à frente. Parando para cumprimentar, vez ou outra, algum velho conhecido que parece lembrar dela de algum lugar (figura 10).

Figura 9



Véia Chiquinha se esforça para acompanhar o cortejo
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 10



“Tá discaído, é?! Passô tristeza, gente!!! Dipois eu vorto e benzo”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Ao terminar o cortejo, e em virtude de um combinado com a organização do evento, devo fazer uma pequena entrada na programação da Roda de Conversa para só depois retornar à *saída de rua*. Volto à casa de Dona Gorete e tiro a roupa da Vêia que vesti sobre a minha. Passo um lenço umedecido na pouca maquiagem que compõe a velha (batom nas rugas e pintura branca de rosto na sobancelha) e sigo para as arquibancadas da praça, assistindo os números dos artistas locais. Depois da última apresentação, escuto a voz do pai da família Carroça, Carlos Gomide (que não vejo há exatos nove meses, por ter chegado na cidade sem antecedência para fazer as costumeiras visitas), anunciar no microfone: “E para dar continuidade à nossa programação, chamamos aqui a Dani!”.

Assim mesmo, sem maiores delongas e explicações, bem ao sabor daquilo que vim fazer. Despida da velha, vestida de Dani (blusa branca, bermuda à meia perna de tecido cru, cabelos amarrados num pequeno rabicó) desço os degraus da arquibancada com a roupa da velha em uma mão e a velha frasqueira na outra. Ciente de que o atraso do horário previsto na programação do evento pede apenas por uma intervenção rápida, simples e pontual, para que assim se possa dar seguimento às falas previstas na Roda de Conversa, abraço Carlos Gomide com muito carinho e reverência, com a mesma dose de emoção descrita antes como *frio na barriga* - sem temor de repetir o estranho jargão. Só que maior. Carlos é para mim um grande Mestre, muito embora não aceite de forma alguma tal designação²².

Sem pegar o microfone que ele me estende (e agradeço com um gesto de cabeça), já saio mostrando às crianças e adultos sentados no chão da quadra a graça do brinquedo das galinhas que ciscam no terreiro, subindo e descendo as cabecinhas delicadas de madeira. Um brinquedo encantador, causando reações e murmúrios entre os presentes, além de instaurar o silêncio nas arquibancadas sempre barulhentas da praça. Retorno ao centro da roda e entrego o brinquedo a alguém, pegando, agora sim, o microfone, ligando a ideia do brinquedo à ideia do trabalho que venho realizar. Não preciso explicar o brinquedo, está claro que sua força já o explica. Agradeço ao Carroça e falo de minha emoção, evidenciando que o espaço em que estamos faz parte da história de lutas e de Arte desta família.

²² Carlos recebeu sua Arte de Seu Antônio Alves Pequeno, na cidade de Mari, na Paraíba. Conviveu durante cerca de dois anos com esse mestre, que ficou conhecido pela alcunha de Mestre Antônio do Babau. Nessa região, o tradicional teatro de bonecos popular recebe o nome de Babau, e assim Carlos Gomide herda o apelido de seu mestre, tornando-se conhecido por Carlinhos Babau. No entanto, e talvez como seu mestre (algo a ser investigado), Carlos não aceita de forma alguma a nomenclatura de Mestre, assim como não permitiu, desde nosso primeiro encontro, que eu o tratasse por senhor, preferindo ser referido como um igual. No entanto, trata por senhor e senhora todas as pessoas consideradas mais simples, mesmo que sejam mais novas que ele, em uma forma respeitosa que faz valorizar as gentes que geralmente são as que usam a tratativa com seus patrões e patroas e/ou pessoas mais velhas, ensinadas na cartilha da educação dita antiga.

Pergunto às pessoas se viram uma velhinha no cortejo. Em resposta vejo os sorrisos e algumas caras de surpresa junto ao coro de cabeças indicando que sim. Com poucas palavras e muitas imagens, me visto diante do público, explicando a história das poucas peças do figurino, fazendo ativar as memórias e histórias que apresentam um pouco de nós (a Dani e a velha Francisca). O ritual do batom. Rápido, aparecem duas crianças, sendo uma delas Ana Gomide, filha de Maria, que se diverte tanto com a tarefa que mais tarde torna a repetir. Não demora, lá está Véia Chiquinha com seu sotaque caipira (*um mineirez meio goiano, meio paulista do interior*). A velhinha, então de fala mansa e doce, agradece as crianças que a ajudaram com o batom, e conta como ela acha “incrível essa tecnologia de hoje em dia”. As crianças entregam os batons de volta e a velha arremata: “a mió coisa qui já inventaro pras ruga!” – tirando alguns risos da assistência. Com um sorriso malicioso conclui: “Tô véia, mas num tô morta, né?!”

Mudando de tom, pega, com a ajuda de outra criança, um pequeno objeto de louça na frisqueira, divagando em tom contemplativo: “como é que é tão bonita as coisas da natureza”. A Véia (como eu e como Rubem Alves e outros poetas), também prefere a linguagem das imagens, que é a linguagem dos poetas. Então, em vez de continuar falando, mostra seu passarinho de louça simplesmente olhando para ele. E entre os miúdos passos que já vai dando ao ir se virando lentamente para sair, ela vai explicando: “eu caminho assim pela vida ó, devagarinho... devagarinho... ... seguindo o canto dos passarinhos... ó...”. Leva à boca o apitinho e se faz ali um primeiro canto tímido. Depois, outro canto, de outro passarinho... E outro, e mais um (e até que vai nascendo um cantozinho de Bem Te Vi identificado mais tarde por uma criança). Ao tempo em que Véia Chiquinha, já de costas, vai saindo, sem dizer adeus... Até se voltar para as pessoas uma última vez e assobiar seu canto de despedida.

A BRINCADEIRA CONTINUA: (EN)CANTOS SABIRINHOS...

Levada pelos cantos que vão surgindo em seu apitinho delicado, Véia Chiquinha segue tocando seu apito-passarinho que pode trazer tantos cantos quantos ela, seu sopro, e a água em movimento dentro do pequeno objeto de louça possam cantar, se estiverem em harmonia. Nessas diferentes sonoridades, os pés lentamente intuem os caminhos, ao passo que a avó, avó de muitas avós, retorcida pelo tempo e pelas dores da vida, obedece o tempo das coisas com toda a paciência aprendida com a sabedoria ensinada pela espera em si mesma. Sabedoria conhecida como sabedoria da idade.

Nesse longo intuir de intuíres, em vez de caminhar, como era de se imaginar, Véia Chiquinha repousa sua frisqueira no banco de alvenaria que cerca um canteiro da praça do CC, fazendo aí sua paragem, recebendo logo sua mala da tia acompanhante, fada-madrinha sempre

atenta. As crianças vão chegando e chegando pra ouvir e ver, quando acontece de um (en)canto Sabirinho²³ encerrar a cantoria, inaugurando um outro tempo de brincadeiras e outros encantamentos, que deixo às imagens produzidas pelo tio acompanhante, fado-padrinho atento, o papel de contar (figuras 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19).

Figura 11



“Pode pegá e pode brincá cos brinquedo! Mas cuida que eu tô de ôio!!!

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

²³ Sabirinho é o nome de um passarinho que vem da junção de Sabiá com Canarinho, inventado por Carlos Gomide em forma de boneco (feito de cabaça) para ser brincado em tenda de mamulengo. Articulado, bate suas asinhas da forma mais delicada que se possa imaginar, e da mesma forma singular, abre e fecha seu biquinho, assoviando seu canto pelos lábios de seu criador atrás da tenda. Recebi de presente o encantamento de conhecer esse (en)canto Sabirinho em Brasília (novembro de 2017) no espaço Invenção Brasileira de Chico Simões (outro grande mamulengueiro que se somou ao patrimônio de brincantes dessa Arte, além de viajar e acompanhar a história da família desde seus primórdios). Nesta ocasião, o pai da família Carroça retomava a brincadeira com uma apresentação inédita do espetáculo *O Babauzeiro*, que pude assistir com alegria e assombro, dada a beleza e o primor de sua execução. O evento no qual se deu a referida apresentação era comemorativo e homenageava os 40 anos de estrada do mamulengueiro Carlos Gomide e da Companhia Carroça de Mamulengos. Sobre *O Babauzeiro*, Chico Simões comentou ser “um avatar [...] de uma estética completamente diferenciada daquilo que Carlinhos Babau tinha por costume brincar nos tempos antigos [...] um mamulengo com uma linha narrativa contínua [...]”. E sobre a brincadeira antiga, presenciei Chico Simões dizer ao próprio Babau (como ele o chama), que “os anos dourados do mamulengo era ver Carlinhos Babau brincando atrás da tolda”. Esses comentários faço na tentativa de situar o leitor sobre essas delicadezas e encantos difíceis de descrever, mas que sinto ser minha tarefa ao menos referir, dada a força ancestral desta Arte e de tudo o que ela carrega em seu cerne. Uma Arte que, nas mãos esguias e hábeis de Carlos Gomide, sendo simples, não poderia ser mais sofisticada.

Figura 12



“O sinhô qué benzê, Seu Antônio? Pois eu benzo!”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 13



“Tem que tê fé, Seu Raimundo, tem que tê muuuuuita fé!!!!!!”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 14



“Ai, ai, ai, mai qui sardade do Ciço Zabumbêro, NosSinhora!!!”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 15



Véia Chiquinha e as crianças inventam histórias incríveis com os brinquedos tradicionais
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 16



“Oê sabe de uma coisa mininu? Eu num sei não!!!”
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 17



Repetindo o ritual do batom: Ana ensina Vêia Chiquinha a fazer biquinho
Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 18



“Capricha nas ruga, Ana! Valei meu Padim, que eu quero só vê essa ARTE!!!!!!”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Figura 19

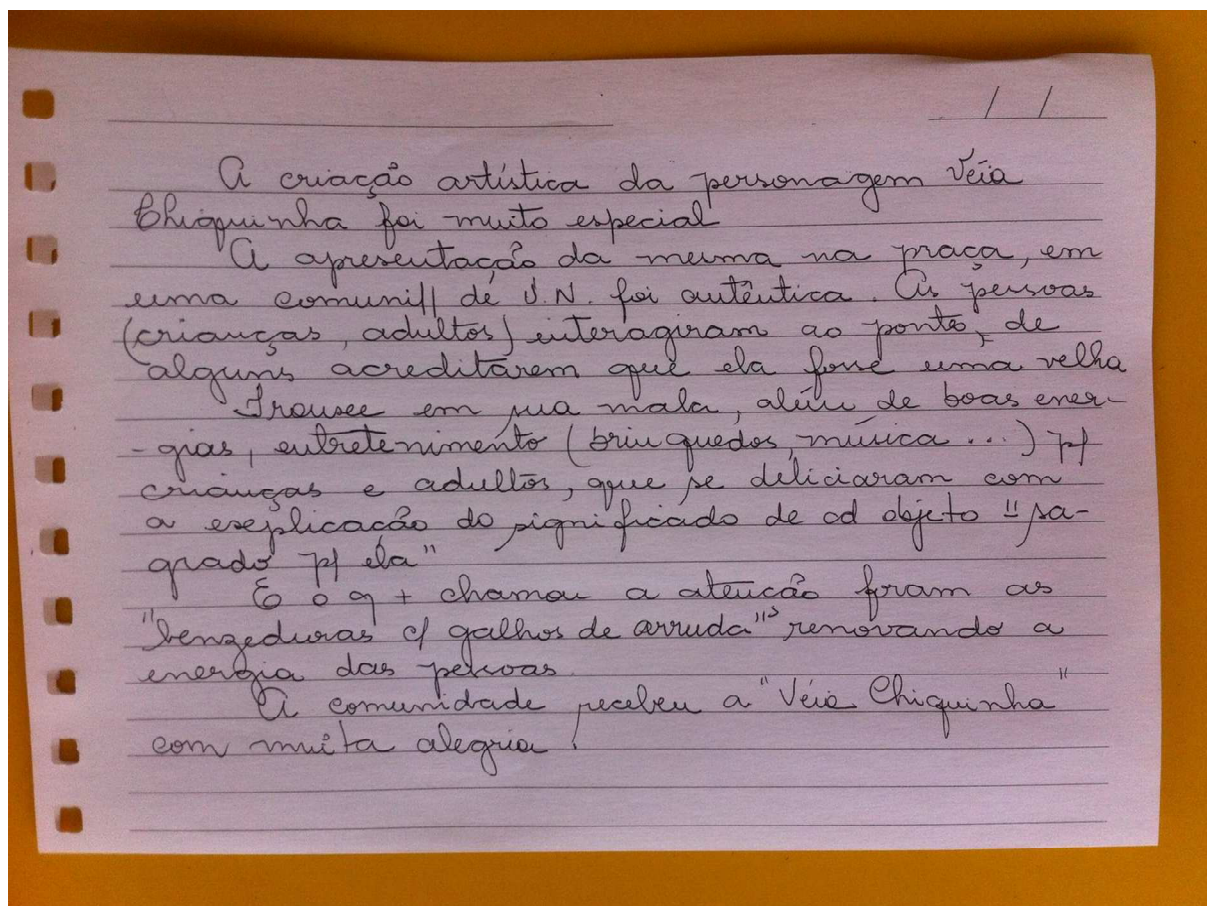


“Belezura pura!!!!!!!!!!”

Foto: Antônio Celso Prates Ferreira

Depois de brincar, benzer, contar histórias, cantar e contar junto com crianças de todas as idades, Véia Chiquinha vai embora da praça do CC às nove e meia da noite, após quase dez horas de andanças. Ela e os tios de sua trinetta chamam um Uber e voltam para a pousada de

onde saíram ainda pela manhã. E assim, na ventura dos caminhos, termina a brincadeira, que deixa atrás da poeira de si mesma alguns rastros, alguns dos quais Tia Tere, bisneta da Vêia Chiquinha (se não me falham as contas) consegue intuir, como percebe no pequeno texto escrito à mão por ela alguns meses depois da visita à Juazeiro:



DEDO DE PROSA FINAL

Este artigo trabalha sobre os sentidos e, portanto, sobre o sensível. Parte da narrativa das experiências vivenciadas em Juazeiro do Norte com a *entidade* Vêia Chiquinha para evocar outras memórias e acontecimentos que ajudam a tecer os fios que ligam Arte, vida pessoal e profissional, pesquisa acadêmica e artística, processos de criação e de educação sensível, costurando temáticas e memórias que atravessam os princípios e práticas de uma artista-arteira, aprendiz de Vida Viva, educadora-sonhadora, mãe de filhos e pesquisadora em pleno processo de doutoramento. Em processo de adoecimento e cura. Em processo de encontrar lugares mais confortáveis, em um mundo de tantos desconfortos.

Apesar de hoje atuar como professora universitária, minha vivência como aprendiz e educadora não se restringiu e nem se restringe aos ambientes acadêmicos. Fez-se (e se faz) em

diferentes contextos: universidade, bairros, escolas e comunidades outras com as quais faço questão de não perder o contato, apesar das demandas hercúleas que também estão presentes na universidade, da mesma forma atravessada pela complexidade desses contextos. Diante dessa complexidade, sobre a qual aprendo infinitamente com as lições de Edgard Morin, as reflexões do texto (como os caminhos percorridos por Vêia Chiquinha) são experiências labirínticas, por se acreditar que são muitos os caminhos que levam ao conhecimento, e que os conhecimentos, por si mesmos, também são muitos. Complementam-se, em lugar de se excluírem, na filosofia do *e* feminino, demandando toda uma mudança de paradigmas já discutida por Boaventura de Souza Santos (1989) desde meados da década de 80.

Somos nós mesmos, a mudança, como já diria Gandhi. Acredito nela, desde que possamos esgarçar os lugares de conforto aos quais podemos facilmente nos conformar, alargando as estreitezas de nosso campo de visão limitado. Especialmente nas fileiras conservadoras da docência de carreira da universidade pública, nas quais corremos o risco de seguirmos apartados de nos responsabilizar, mobilizando a instituição pela ação efetiva nas causas sociais. Uma ação que não esteja apenas nas teorias e discursos (e eu valorizo a ambos, reconhecendo sua importância e a importância do trabalho intelectual, tão defendido pelo também Mestre Milton Santos). Mas que esteja também em iniciativas mais éticas e solidárias, que saiam da zona de conforto dos muros acadêmicos. E que tenham a coragem de romper verdades e formatos cristalizados, assumindo que forma é conteúdo! Ainda que isto tenha um preço.

A metodologia utilizada para produção do texto inicia pelo relato de experiência feito com o entrelaçamento de memórias a partir de uma escrita automática²⁴, posteriormente trabalhada e retrabalhada até a finalização do texto, composto também pelos textos imagéticos. Uma forma de escrita poética inserida em uma pesquisa de vida, e conseqüentemente, em meu doutoramento. Pesquisa e escrita que se assumem envolvidas e comprometidas com a vida em abundância para todes (em referência aos Mestres da citada Vida Viva), sem qualquer pretensão de objetividade e neutralidade científica. Para tanto, acredito ser necessário um enfrentamento

²⁴ Forma de escrita aprendida com Ida Mara Freire no minicurso Narrativas Autobiográficas na Pesquisa em Educação e Arte, para estudantes da pós-graduação no II Encontro Nacional PIBID Teatro e VIII Fórum de Educadores de Teatro de Uberlândia, sediados na UFU. Neste encontro levei os bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFT. Foi a primeira viagem feita pelos estudantes tocantinenses dos Cursos de Licenciatura em Filosofia e Teatro para apresentar trabalhos e trocarem em outros contextos. Fui como coordenadora do programa, e, entre outras raridades, ganhei de presente esse encontro com Ida Mara e a escrita automática, também incorporada como metodologia de trabalho. Por ocasião de doutoramento, meu filho e a filha de Ida passaram estudar na mesma sala, e tive a oportunidade de agradecê-la pelo ensinamento que pratica em seu cerne uma educação para a liberdade, para a autonomia, altamente transgressor para tempos de normas limitadoras e limitantes ao livre exercício do pensamento.

de uma tradição de categorias universais estabelecidas com o *status* de verdade absoluta através de formas e fórmulas hierarquizantes. Tudo isto, favorecendo um *status quo* que, não aceitando, desejo modificar. Talvez em nome daquilo a que chamam de Utopia, a meu ver, uma parente próxima do Amor. E sim, é preciso falar dessas palavras que se tornaram gastas, revivendo-as. Inserindo-as no ambiente acadêmico, à contrapelo de uma história de assepsias e de anestésias.

Tenho vivenciado e venho refletindo sobre as possibilidades de conhecer o mundo (visível e invisível) através de uma educação do sensível, sobre a qual aprendo muito com as crianças, com as poetisas e os poetas, enfim, com o contato espontâneo e desinteressado (não utilitarista) com as gentes. Interesse-me pelo encontro com as pessoas no que têm de poesia e de possibilidades, de diferenças e par-essências, de benesses e mazelas nesses viveres de uma vida de escassos viveres. Vida que precisa de invenção e resiliência. Além de muito comprometimento, como já mencionado. Aprender não é apenas verbo bitransitivo inscrito no papel de nossas gramáticas (aprender, aprender a). Aprendemos juntos. Aprendemos com. E aprendemos para alguma coisa. Aprendemos conectados a uma realidade que possa conferir sentido à própria vida. Sentido de sentidos que, além de expandir a vida, podem preservá-la! E estão aí os artistas de rua a denunciar pelo mundo afora aquilo que Miguel de Unamuno já definia como sendo o conhecimento desumano, questionando o saber pelo saber dos espaços institucionais de poder e expondo as incongruências e crueldade de um conhecimento que não está a serviço da necessidade de viver.

Intuo (como outres tantos, para seguir exercitando uma escrita que contempla gêneros e diferenças, apesar da estranheza inicial) uma poética no ver, no viver, no sentir, no existir no mundo que parece essencial investigar e incentivar em todas as áreas do conhecimento humano, independente de estarem focadas na área artística, mas mais especialmente ainda quando estão. Diz o poeta Murilo Mendes: “Todo homem é poeta entre os quinze e vinte anos. A nova educação deve fazer do homem um poeta em todas as idades, sem que lhe seja necessário escrever versos. Viver a poesia é muito mais necessário que escrevê-la” (MENDES, apud ALVES, 2012, p.32). Neste sentido (e em outros) sou discípula antiga da filosofia da educação de Rubem Alves (2012) inscrita na obra *A Educação dos Sentidos e Mais...* (entre outras obras), desenvolvida sobre a premissa de que “os sentidos se educam ao serem tocados pela poesia” (2012, p. 43).

A escrita brincante que proponho como exercício de educação do sensível para a vida encontra ressonância nessa pedagogia poética e erótica proposta por esse mesmo Mestre (Rubem Alves) ao dizer que: a capacidade de brincar pode ser aprendida, e tem a ver com “a capacidade de o corpo ser erotizado pelas coisas à sua volta, de sentir prazer nelas” (2012, p.20).

Rubem Alves aproveita o pensamento de Roland Barthes sugerindo que a educação dos sentidos seja “semelhante ao Kama Sutra, o ensino das várias posições possíveis de se fazer amor com o mundo” (2012, p.20). Nesta mesma linha seguem os trabalhos de João Francisco Duarte Júnior (2000) e Michel Maffesoli (1998), para quem o sensível não é apenas um momento isolado, a ser descartado como os atos de intuição abominados pelo positivismo clássico que orienta o pensamento acadêmico, mas antes, um elemento central no ato de conhecimento.

Portanto, realizar uma brincadeira como Vêia Chiquinha e resgatá-la através de uma escrita brincante, lúdica, poética, demorada e cheia de curvas, talvez seja uma forma de formar-nos gente. Cada vez mais gente! A começar por mim mesma. Neste sentido, e para finalizar, também tomo como premissa e referência a obra de Bell Hooks (2017), *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade, apoiada na ideia de uma pedagogia engajada, progressiva, holística e erótica no que tem de pulsão com o compromisso de uma *autoatualização* que, segundo a autora (ativista feminista negra, estadunidense), promove o bem estar e a conexão dos conhecimentos aprendidos com a vida em sua realidade cotidiana, buscando “não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (2017, p.27). Um conhecimento crítico. De uma pedagogia engajada. A começar por uma perspectiva de uma *educação multicultural*, abraçando todos os saberes e seres hoje excluídos pelos sistemas de dominação vigentes, assentados nas práticas educacionais tradicionais autoritárias e assentadas no *conteudismo* das próprias formas inadequadas e obsoletas.

Bell Hooks nos fala de uma pedagogia construída sobre os princípios e práticas pedagógicas de Paulo Freire e sobre a filosofia do *budismo engajado* de Thich Nhat Hanh, focada na prática e na contemplação. Segundo Hooks, a filosofia de Hanh “é semelhante à insistência de Freire na ‘práxis’: agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (2017, p.26). E eu acolho essas formas de pensar, existir, agir e atingir o mundo a minha volta. Expandir a linguagem para expandir o pensamento, expandir o conceito, repensar os formatos para não seguir apenas repetindo fórmulas que não são mais capazes de conviver com uma realidade que espera algo mais de nós, artistas, acadêmicos, educadores, seres humanos que, despertando internamente, talvez possam construir para fora o sonho de um mundo com o que possa haver de melhor para todos.

Acredito que o Amor com letra maiúscula tenha algo a ver com tudo isso, e dele nos falam muitas das páginas da obra *Arte, Afeto e Educação*: a sensibilidade na ação pedagógica, de Marly Meira e Silvia Pillotto (2010). Assim como acredito que a Arte também tenha. Uma Arte escrita também com inicial em caixa alta. Em sinal de reverência, eu os escrevo assim:

Amor e Arte, intuindo sobre ensinamentos de mestras e mestres desta e de outras realidades visíveis e invisíveis, sobre as quais também é preciso falar. Ainda que tudo isso possa não ressoar em todos os corações. Por isso mesmo, seguirei falando. Escrevendo. E agradecendo pelas dádivas de meus encontros e desencontros com uma Véia Chiquinha, enfim uma educadora amorosa, que nasce de uma faxina e de três histórias de Amor: uma comigo mesma, uma com as gentes e todas as formas de vida que habitam esse mundo de matéria, e outra com tudo aquilo que, não vendo com os olhos embaçados de um corpo altamente perecível, posso intuir com os olhos sensíveis de minha alma.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 8. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. O caso Joana: transporte e transformação do ator de f(r)icção. In: BRONDANI, Joice Aglae (Org.). *Grotowski: estados alterados de consciência* (Teatro- Máscara- Ritual). Editora Giostri, 2014.

_____. *Guerreiras e Heroínas em Performance: Da Artetnografia à Metodologia em Artes Cênicas*. Tese (Doutorado em Artes da Cena), IA, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2011.

_____. Bodas de Sinhá: processo de f(r)icção sob a máscara ritual de Dona Senhorinha. São Paulo: *Revista Sala Preta* (ECA/USP), v.9, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MEIRA, Marly Ribeiro. Pillotto, Sílvia Sell Duarte. *Arte, afeto, ação pedagógica: a sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MENDES, Murilo. In: ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 8. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.